

UNIVERSIDADE DO SAGRADO CORAÇÃO

ALINE EL GADBAN DE ALMEIDA

**PAIS E FILHOS DIANTE DA ADOLESCÊNCIA E DO DILEMA VOCACIONAL:
SINTONIZANDO O MESMO CANAL**

**BAURU
2005**

UNIVERSIDADE DO SAGRADO CORAÇÃO

ALINE EL GADBAN DE ALMEIDA

**PAIS E FILHOS DIANTE DA ADOLESCÊNCIA E DO DILEMA VOCACIONAL:
SINTONIZANDO O MESMO CANAL**

Monografia apresentada à Universidade do Sagrado Coração, como parte integrante dos requisitos para obtenção do título de bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof.^a Ms. Silvana Nunes Garcia Bormio

**Bauru
2005**

A447p

Almeida, Aline El Gadban de

Pais e filhos diante da adolescência e do dilema vocacional: sintonizando o mesmo canal/ Aline El Gadban de Almeida.- - 2005.

63f.

Orientadora: Profª Ms. Silvana Nunes Garcia Bormio.
Trabalho de Conclusão de Curso Graduação
(Bacharel em Psicologia) - Universidade do
Sagrado Coração, Bauru - São Paulo.

1.Adolescência. 2.Pais e Filhos. 3.Identity.
4.Escolha vocacional. I.Bormio, Silvana N. Garcia.
II.Título.

ALMEIDA, Aline El Gadban de

Pais e filhos diante da adolescência e do dilema vocacional: sintonizando o mesmo canal

Trabalho de conclusão de curso de graduação em Psicologia – Área de Concentração: apresentada à Universidade do Sagrado Coração e aprovada pela seguinte banca examinadora:

Orientadora: Prof^a Ms. Silvana Nunes Garcia Bormio
Mestre em Psicologia
Universidade do Sagrado Coração

Prof^a Ms. Ana Celina Pires de Campos Guimarães
Mestre em Psicologia
Universidade do Sagrado Coração

Prof^a Ms. Regina Célia Paganini L. Furigo
Mestre em Psicologia
Universidade do Sagrado Coração

Prof^o Ms. Rinaldo Correr
Mestre em Psicologia
Universidade do Sagrado Coração

Bauru, 10 de agosto de 2005.

DEDICATÓRIA

*À minha mãe Zeina e meu irmão Leandro,
fontes inspiradoras do tema deste trabalho.*

À Silvana G. Bormio, orientadora e amiga de mais este trajeto.

À Luciana Ondani pela amizade e dedicação na elaboração deste.

À Mônica pela atenção e disponibilidade na revisão metodológica.

*Ao Ennio e Thiago pelo auxílio na elaboração
do manual de orientação de pais e filhos.*

*À Simone, Lílian, Ana Alice, Maira, Carolina, Nádia, , Gisele, Maria
Paula, Ana Marta, Maíra, Cássia, Juliana, Daiane, Milena e Ana Paula,
minhas companheiras de todos os momentos.*

A todos que direta ou indiretamente colaboraram na elaboração deste.

AGRADECIMENTOS

A Deus, Pai que me deu o dom de viver pequenas conquistas como grandes vitórias.

*“Adolescer...
Renascer, crescer...
Sentir a urgência de se viver!”*
(Aline El Gadban Almeida)

RESUMO

O trabalho em questão constitui-se de um levantamento histórico com o intuito de compreender o fenômeno adolescente, as dificuldades de comunicação entre pais e filhos nesse processo, bem como a contextualização da escolha vocacional frente a tal quadro. Este estudo pretende demonstrar que na atualidade, devido às mudanças sócio-econômicas, a adolescência configura-se um fenômeno com características próprias do século XXI, o que dificulta o entendimento da sociedade, família e até mesmo do próprio adolescente. Os autores fazem uma distinção entre os termos puberdade e adolescência, sendo o primeiro destacado como um fenômeno biológico que coincide no tempo em todos os povos e culturas, e o segundo como algo sócio-cultural que acontece a cada indivíduo num dado momento psicológico-emocional. O procedimento adotado foi uma análise bibliográfica que destacou os dramas comuns vividos no momento adolescente, onde o jovem luta para instaurar sua identidade. Em meio a esse movimento, destaca-se a obrigatoriedade deste em posicionar-se frente à escolha vocacional, a qual é feita muitas vezes de forma imatura e conflituosa.

Palavras-chave: Adolescência, pais e filhos, identidade, escolha vocacional.

ABSTRACT

The present work consists in a historical survey with the purpose of understanding the adolescent phenomenon, the difficulties in communication between parents and children in this procedure, as well as the contextualization of the youth vocational choice related to that situation. This study intends to demonstrate that nowadays, according to the social and economic changes, the adolescence is configured in a phenomenon with its own characteristics from the 21st century, what makes the understanding of the society, family and the adolescent itself more difficult. The authors establish a difference between the terms puberty and adolescence; being the first detached as a biological phenomenon that coincides in its own time to all different peoples and cultures, and the second, as a social cultural incident that occurs in each individual in a determined psychological and emotional time. The procedure adopted at this work was a bibliographic analysis that raised the common dramas lived in the teenagers time, where the youth struggles to establish its own identity. According to this changes, it is emphasized their obligation in standing towards the vocation choice, which sometimes is made in an immature and conflictuous way.

Key-words: adolescence, parents and children, identity, vocational choice.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. ETAPAS EVOLUTIVAS	13
1.1. ETAPA EVOLUTIVA DOS FILHOS: ADOLESCÊNCIA	13
1.2. ETAPA EVOLUTIVA DOS PAIS: MATURIDADE	23
1.3. ADOLESCÊNCIA E MATURIDADE	28
2. CONCEITOS FUNDAMENTAIS PARA A COMPREENSÃO DO TEMA	34
2.1. IDENTIFICAÇÃO	34
2.2. IDENTIDADE	36
2.3. IDENTIDADE VOCACIONAL	43
3. ESCOLHA: MOTIVOS CONSCIENTES E INCONSCIENTES	46
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	51
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	53
ANEXOS	54
ANEXO 1: ORIENTAÇÕES PARA FILHOS SOBRE ADOLESCÊNCIA E O DILEMA VOCACIONAL	54
ANEXO 2: ORIENTAÇÕES PARA PAIS SOBRE ADOLESCÊNCIA E O DILEMA VOCACIONAL	57
ANEXO 3: VOCE É UM ENVELHESCENTE ?	61

INTRODUÇÃO

A adolescência é o período da vida no qual o indivíduo enfrenta os maiores dramas referentes ao crescimento. As transformações físicas que o envolve são caracterizadas como puberdade, estas se encontram inseridas no processo adolescente, que é vivenciado como um conjunto de mudanças físicas, sociais e psicológicas.

Nesse processo, o adolescente busca a aquisição da identidade adulta e esta se torna possível quando ele realiza a elaboração dos lutos referentes ao corpo infantil, à identidade infantil e aos pais da infância, que nesta fase começam a ser vivenciados sob uma ótica baseada no princípio da realidade.

Adolescência e maturidade são vivenciadas por pais e filhos de maneira conjunta, o que gera dificuldades na comunicação de ambos visto o período de crise e mudanças que vivenciam.

É em meio a esse processo de conquista e aquisições que o jovem se vê diante de um dos seus mais complexos conflitos, a escolha vocacional, que ocorre acompanhada de inúmeros aspectos psicológicos e sociais.

A escolha vocacional representa a perda dos objetos que se tem até então, como escola, amigos e família para se partir em busca de um desconhecido que, ao mesmo tempo em que é desejado, é também temido.

Atualmente, este processo tem adquirido uma conotação mais dramática, visto que o jovem tem que realizar sua escolha ao término do 3º série

do Ensino Médio e enfrentar um vestibular nos moldes de um sistema capitalista e competitivo.

Sendo assim, a escolha é vivenciada pelo adolescente como algo urgente e irremediável, o que pode interferir na decisão de uma escolha satisfatória.

Diante desse contexto, o presente trabalho tem por objetivo refletir sobre o fenômeno adolescente e contribuir para a compreensão das relações que se estabelecem entre esta fase da vida, o processo de escolha profissional e de como as relações pais - filhos sofrem transformações.

Para isso, o trabalho estrutura-se em duas partes: a primeira consiste na explicação dos temas referentes à adolescência e à maturidade, e a segunda na explanação dos conceitos fundamentais para se compreender o processo adolescente e da escolha vocacional. Finalizando, seguem anexos dois breves manuais explicativos, a fim de fornecer informações práticas a pais e filhos acerca do processo, tendo como proposta a melhora da comunicação entre eles.

1 Etapas evolutivas

1.1 Etapa evolutiva dos filhos: Adolescência

A adolescência, desde o início do século XX, foi foco de vários estudos. Atualmente, este tema é amplamente discutido pela sociedade contemporânea que sofre a influência direta das controvérsias entre pais e filhos quando vivenciam esse processo.

Osório (1992), destaca duas circunstâncias que acredita serem a causa do interesse universal pelo estudo da adolescência. A primeira delas, refere-se à explosão demográfica do pós-guerra, o que elevou significativamente o crescimento percentual da população mundial jovem, estimada hoje em cerca de um quarto da população. A outra, está relacionada à ampliação da faixa etária com características adolescentes que, anteriormente, era vista como etapa transitória entre infância e vida adulta, adquire hoje um novo paradigma. Este novo paradigma adolescente confirma as características singulares que são próprias desse momento evolutivo, mas ressalta também as influências sócio-culturais nas quais o indivíduo está inserido.

No Brasil, uma nova e significativa parcela de jovens registrou e ainda tem registrado tem registrado sua história. Em especial, durante o período da ditadura

militar, no qual lutaram contra a repressão política, reivindicando seus direitos e ampliando a criação de novas formas de pensamento.

Partindo do ponto de vista da comunidade, a sociedade também está aberta a mudanças, assumindo novos padrões de comportamento, que disputados pela juventude, possibilitam transformações e evoluções (LEVISKY, 2001).

A sociedade contemporânea é exemplo disso e parece estar vivendo em pleno processo de acomodação, pois a autoridade paterna frente à liberdade dos filhos ainda não adquiriu um papel determinado, intensificando as características ambivalentes e instáveis que já são inerentes ao momento adolescente.

Osório (1992, p. 10), classifica o momento adolescente como “uma etapa evolutiva peculiar ao ser humano. Nela culmina todo o processo maturativo biopsicossocial do indivíduo”.

Partindo desse pressuposto, pode se observar a importância da compreensão conjunta dos diversos vértices que envolvem o indivíduo, que somente analisados de maneira concomitante oferecerá unidade a esse fenômeno.

(ABERASTURY et al., 1990, p. 15) o enfoca como:

[...] um momento crucial na vida do homem e constitui a etapa decisiva de um processo de desprendimento. Este processo atravessa três pontos fundamentais: o primeiro é o nascimento, o segundo surge ao final do primeiro ano com a eclosão da genitalidade, a dentição, a linguagem, a posição de pé e a marcha: o terceiro momento aparece na adolescência.

As definições teóricas sobre o termo são compatíveis e mostram essa nova perspectiva acerca do tema que evolui de uma transformação biológica para a compreensão de seus aspectos psicológicos e culturais como partes integrantes do processo.

Levisky (2001) relata que na cultura ocidental a ampliação compreensiva do termo ocorreu por meio da industrialização e nascimento da burguesia. Nessa época, somente em meados do século XVI houve uma distinção entre infância, juventude e velhice e, nela, juventude fazia referência a uma idade mais tardia, não havendo espaço para a adolescência.

Na língua francesa, as palavras oriundas do latim – *puer* e *adolescens* – eram usadas indiferentemente. Sendo conhecido na época a expressão *infant* (crianças). (ARIÉS, 1973 apud LEVISKY, 2001, p. 22)

Durante os séculos XVII e XVIII, crianças de 10 anos a jovens de 25 anos freqüentavam o mesmo ambiente escolar, desenvolvendo as mesmas atividades, desconsiderando-se os diferentes níveis maturacionais. Estes eram ainda expostos a cenas de violência e sexo, embora na época já se soubesse que não eram indiferentes à situação e que isto poderia causar repercussão no seu desenvolvimento (LEVISKY, 2001).

No final do século XX, mais precisamente em 1997, foi promulgado o Estatuto da Criança e do Adolescente que é, ainda hoje, o documento que juridicamente garante os direitos da criança e do adolescente frente à sociedade.

Segundo Brasil (1997), é considerado adolescente pessoas entre 12 e 18 anos, encontrando-se estas sujeitas à aplicação das mesmas medidas protetoras e à aplicação de medidas sócio-educativas.

Embora o adolescente juridicamente seja caracterizado acerca desse período etário, estudiosos têm sobre tal questão alguns pontos de controvérsias, já que a cultura e sociedade em que o indivíduo vive são pontos influenciadores.

Aberastury e Knobel (1986), classificam a adolescência, em linhas gerais, como um período que varia entre 12 e 21 anos, nas meninas, e entre 14 e 25 anos nos meninos. Elucidando, a etimologia da palavra adolescência, advém do latim e conota (*a*: a, para a + *olescere*: forma icotiva de *olere*, crescer), significando condição ou processo de crescimento completo do corpo.

Osório (1992) se volta para a etimologia do termo puberdade (do latim *pubertate* – sinal de pêlos, barba, penugem), salientando sua tendência universal em ser apontado pelas modificações biológicas. Segundo o autor, estas se iniciam com o crescimento de pêlos em determinadas regiões do corpo, resultado da ação hormonal que desencadeia o processo puberal. Tais modificações são ocasionadas pelo desenvolvimento das gônadas, ou seja, dos testículos nos meninos e dos ovários nas meninas.

O amadurecimento das células germinativas evidencia dois grandes eventos da puberdade: a menarca na menina e a primeira ejaculação nos meninos, indícios externos da capacitação biológica para procriação, evento que provavelmente acontecerá entre 12 e 15 anos (OSORIO, 1992).

A puberdade é entendida hoje como um processo decorrente das transformações biológicas que em condições normais coincide em todos os povos, ao passo que a adolescência é compreendida como algo fundamentalmente psicossocial que varia conforme o ambiente sócio-cultural que está inserido o indivíduo.

A relação de não concomitância entre o fenômeno da puberdade e da adolescência se faz refletir, pois diante dos primeiros indícios das modificações corporais dos indivíduos, a atitude da família, bem como da sociedade, é de

mudar sua postura educacional quanto aos direitos e deveres que os adolescentes devem assumir frente à sua vida familiar, psíquica e social.

Cabe também destacar a incoerência paterna frente a essa nova postura, que explicita os seus sentimentos ambivalentes frente ao crescimento do filho, que podem se alterar de maneira indiscriminada entre o desejo pela independência e a dependência.

A falta de constância nas ações e emoções dos pais ou cuidadores é vivenciada pelos filhos, muitas vezes, de forma confusa, podendo intensificar o seu sentimento de abandono frente à incapacidade de continência.

Segundo Aberastury e Knobel (1986, p. 67):

Não só o adolescente padece este longo processo, mas os pais têm dificuldade para aceitar o crescimento em consequência do sentimento de rejeição que experimenta frente à genitalidade e à livre expansão da personalidade que surge dela. Esta compreensão e rejeição se encontram, muitas vezes, mascaradas sobre a outorgação de uma excessiva liberdade que o adolescente vive como abandono.

O crescimento é algo que se evidencia pelas modificações corpóreas, impondo ao adolescente novas posturas diante do mundo, as quais, muitas vezes, podem ser vivenciadas como invasoras da sua personalidade.

Portanto, a adolescência pode ser entendida como uma inevitável passagem do mundo infantil, tem seu início nas modificações corporais e só mais tarde ganha sua correspondência emocional, podendo viver assim psicologicamente um misto de maturidade e imaturidade.

Levisky (2001) acredita que, independentemente do contexto sócio-cultural, a adolescência estará sempre vinculada a um período de crise e de desequilíbrio.

“Em relação ao adolescente, o que difere um indivíduo de outro e uma cultura da outra é a amplitude e a intensidade da crise, sua forma de solução e a intensidade que se dá” (REYMOND – RIVIER, 1974 apud LEVISKY, 2001, p. 26).

A reavaliação adolescente dos seus conceitos infantis de aprendizagem e de adaptação social são pontos fundamentais na reestruturação da sua personalidade. O ingresso no mundo adulto exige elaboração interna do que foi vivido e acomodação das inevitáveis mudanças que estão ou estarão ocorrendo.

Este processo descrito é definido por Erikson como moratória, ou seja, “um período de espera concedido a alguém que não está apto para satisfazer uma obrigação ou imposto a alguém que deveria fixar-se um prazo de tempo” (ERIKSON, apud MUSS, 1996, p. 158).

O período de moratória geralmente não é vivenciado de forma consciente pelo adolescente que geralmente o vive intensamente, não conseguindo estabelecer uma correlação de transitoriedade.

Levisky (2001) chama a atenção para o fato de que a sociedade ocidental moderna tornou mais complexa a passagem para a vida adulta, pois o jovem se encontra contextualizado numa grande variedade de possibilidades para a realização de suas experiências, tendo como produto disso um estendimento desta etapa e uma maior complexidade na busca pela identidade adulta.

A discrepância entre os processos internos de maturação biológica, psicológica e social é observável, dificultando assim a configuração de um ritual definido de passagem.

Levisky (2001, p. 29), considera que “quanto mais complexa for a sociedade, maiores são os pré-requisitos necessários para que o jovem possa integrar-se à sociedade adulta”.

O autor pontua ainda alguns critérios que definem hoje a inserção do indivíduo na sociedade adulta, estes são:

maturidade, independência, autodeterminação, responsabilidade e atividade sexual efetivamente adulta, possibilidade de procriação e condições socioeconômicas para estabelecer uma família. Compreende-se este último aspecto como implicitamente ligado à possibilidade de procriação e a condições socioeconômicas para estabelecer uma família. (LEVISKY, 2001, p. 30).

Através destas considerações, observa-se a configuração conflituosa e intensa do processo adolescente, no qual a elaboração dos lutos inerentes à infância é um dos eixos fundamentais para a aquisição da identidade e ingresso no mundo adulto.

A elaboração dos lutos é o momento em que o adolescente vai tentar se desfazer dos conceitos e sentimentos infantis e incorporar novas formas de pensamento.

Sobre a elaboração dos lutos, Aberastury e Knobel destacam que:

O adolescente vai se modificando lentamente e nenhuma pressa interna ou externa favorece este trabalho, pois como toda elaboração de luto, exige tempo para ser uma verdadeira elaboração e não ter as características de uma negação maníaca”. (ABERASTURY; KNOBEL, 1986, p. 64).

A autora destaca que o adolescente cumprirá lenta e dolorosamente a tarefa de elaborar o luto pelo corpo, pela identidade e pelos pais infantis. A elaboração do luto vai de encontro à aceitação do papel destinado pela puberdade. E, neste processo, surgirão defesas a fim de negar a perda da infância (ABERASTURY; KNOBEL, 1986).

O luto pelo corpo é o mais evidente e pode ser observado pelo movimento acerca da inevitável despedida do corpo infantil, já que o surgimento dos caracteres secundários, evidenciados pela menstruação na menina e o sêmen no menino, fazem do crescimento um fato incontestável, o que aponta o testemunho da definição sexual e evidência papéis que terão que assumir não só na união com o parceiro como também na procriação.

Já o luto pela identidade infantil pauta-se na necessidade de adequação entre um corpo púbere e a identidade adolescente. Esta pode ser observada através das flutuações de identidade em mudanças de atitudes bruscas, ou mesmo nas variações no uso de vestimentas do adolescente.

As mudanças são intensas e a tarefa básica a ser cumprida pela adolescência é a busca de identidade que vai sendo construída pelo jovem através de experiências conscientes e inconscientes.

A elaboração desses lutos traz como resultado a identidade sexual adulta, a procura pelo par e pela criatividade, características que irão delatar a passagem da identidade adolescente para a adulta. (ABERASTURY; KNOBEL, 1986).

Nesse processo os pais são um eixo importante, no qual perdem o *status* de “super-heróis” e, pouco a pouco, passam a ser alvo de um forte sentimento de amor e ódio no relacionamento. Inicia-se a elaboração de lutos referentes à idealização infantil, na qual eram suficientemente bons e protetores.

Quando a conduta dos pais implica uma incompreensão das grandes flutuações polares entre dependência e independência... dificulta-se o trabalho de luto, no qual são necessários permanentes ensaios e provas de perda e recuperação (BEE, 1997, p. 67).

A relação entre os adolescentes e seus pais é permeada pela ambivalência, oscilando entre os desejos de dependência e independência.

Nesse contexto, a compreensão paterna muitas vezes é difícil, pois, se por um lado o adolescente precisa estar só, recolhido em seu mundo interno, por outro, necessita ser ouvido e compreendido. E os pais, mesmo cientes da crise do filho, motivados pelos conflitos inconscientes que esta crise nele ressoa, algumas vezes agravam esse processo com acusações e cobranças, dificultando ainda mais o diálogo.

À família, lança-se o desafio de compreender a adolescência com mais naturalidade. Mesmo porque o conflito adolescente é uma via saudável para permitir a aquisição da identidade adulta.

Nesse período, pode-se observar um forte vínculo de relação que o adolescente estabelece com um grupo de iguais.

Uma pesquisa aponta que estes gastam a metade de suas horas acordados na companhia de outros adolescentes e menos de 5% de seu tempo com cada um dos pais. E, das horas que podem ser contadas como tempo de lazer, quase 40%, eles passam dois quintos delas socializando com amigos, conversando a maior parte do tempo, Csikszent-mihalyi&la (1984 apud BEE, 1997, p. 360).

Bee (1997) destaca que, nesta passagem da protegida vida familiar para a vida do adulto independente, o grupo de amigos torna-se o veículo para essa transição. Observa-se que a intensificação das mudanças ocorre por volta dos 13 ou 14 anos e decresce lentamente à medida em que o adolescente começa a obter um senso de identidade mais independente dos companheiros.

“O senso de bem-estar ou de alegria de um adolescente está mais fortemente correlacionado à qualidade de apego com os pais do que à qualidade de apego com seus companheiros” Greenberg (1983 apud BEE, 1997, p. 360). Isso aponta o aspecto qualitativo desse vínculo.

O estabelecimento da identidade seria a conclusão desse processo. Aberastury et al. (1990) salientam que só quando a maturidade biológica está acompanhada por uma maturidade afetiva e intelectual o jovem estará pronto para o ingresso no mundo dos adultos, necessitando comportar um sistema de valores e uma ideologia que seja confrontada com a de seu meio, no qual a rejeição de determinadas situações configura-se em uma crítica construtiva.

Osório (1992) caracteriza o término da adolescência como algo de mais difícil determinação do que a delimitação de seu início. Este obedece a uma série de fatores de natureza sócio-cultural, a fim de preencher algumas condições para delimitar seu término, tais como: estabelecimento de uma identidade sexual e possibilidade de estabelecer relações afetivas estáveis; capacidade de assumir compromissos profissionais e manter-se (independência econômica); aquisição de um sistemas de valores pessoais (moral própria); relação de reciprocidade com a geração precedente (sobretudo os pais).

O autor acredita que em termos etários isso ocorra por volta dos 25 anos na classe média brasileira, com variações para mais ou para menos dependendo das condições sócio-econômicas da família nuclear do adolescente. (OSÓRIO, 1992)

Portanto, faz se necessário refletir sobre o processo sócio-histórico-cultural que vem atravessando a adolescência, os ambivalentes conflitos psíquicos

que ela carrega consigo e a luta do indivíduo na busca da aquisição de uma nova identidade que é a condição básica para que este se sinta psíquica e socialmente confortável frente no ingresso ao inevitável mundo adulto.

1.2 Etapa evolutiva dos pais: Maturidade

A maturidade é uma etapa evolutiva em que se observa a crise da meia-idade, que coincide no tempo com aquela que ocorre na adolescência.

Segundo Levisky (2001), tal crise configura-se como algo extremamente angustiante aos pais, muitas vezes, ela pode ser desencadeada pela insegurança que vivenciam, bem como pelas lembranças conscientes e inconscientes que os remetem ao seu próprio processo adolescente.

Diante da adolescência dos filhos, os pais revivem as suas próprias situações edípicas conflitivas, ressentem-se do afastamento dos filhos e também têm que elaborar uma série de lutos associados ao amadurecimento dos seus próprios filhos e ao seu próprio envelhecimento. (LEVENFUS, 1997, p. 129)

O luto é entendido aqui como a elaboração de algo que despendeu uma carga libidinal e não pôde ser realizado. Este é vivenciado tanto por pais quanto por filhos, porém focalizado em temáticas diferentes.

Os pais iniciam um processo em que a elaboração dos lutos referentes às modificações físicas e psíquicas suas e as do filho invadem seu cotidiano e difundem uma ambivalência de atitudes e sentimentos.

“Alguns pais vivem esse processo complexo de forma mais amena, outros em verdadeira crise de envelhescência“ (LEVISKY, 2001, p. 152).

A passagem para a meia-idade é o reflexo de que a vida já percorreu um caminho e o futuro deve ser planejado e conquistado com mais urgência.

Esta etapa promove espaço para novos padrões de vida, visto que as expectativas e obrigações sociais, como construir carreira, prover os filhos ou mesmo, zelar pelo bem-estar de seus pais, são tarefas que caminham para o fim. Pois, o ingresso do filho na universidade e a aposentadoria ou falecimento dos pais são fatos que começam a fazer parte de um quadro de realidades.

As modificações físicas, sociais e psicológicas salientam a reflexão acerca da ocupação de um novo papel, fazendo-se necessário uma auto-avaliação e uma reavaliação.

Lidz (1983) destaca que a auto-avaliação não é simplesmente a pontuação entre o sucesso ou fracasso em atingir metas, mas principalmente considerar se seus sonhos e ideais anteriores foram compatíveis com suas conquistas.

Este é mais um novo período evolutivo que se difere dos demais já vividos, oferecendo novas oportunidades e maneiras de sentir. Sendo que o caminho que cada indivíduo vai direcionar as mudanças inseridas nesta nova fase esta intrinsecamente relacionada à sua fonte libidinal motivadora, acrescido das experiências e saldos que este construiu no decorrer da sua existência.

Erik Erikson dividiu a vida humana em oito fases, desenvolvendo uma teoria sobre o desenvolvimento da personalidade em que classificou oito estágios psicossociais, acreditando que cada estágio se configura por um novo e

significativo confronto com o ambiente, que é caracterizado por uma crise, envolvendo sempre uma nova perspectiva que poderá ser respondida de maneira positiva ou negativa. “Só quando resolvemos cada um dos conflitos, a personalidade pode continuar a seqüência normal de desenvolvimento e podemos adquirir a força para enfrentar o conflito da próxima fase” (SCHULTZ, 2002, p. 207).

A fase referente à maturidade é classificada por Erikson como preocupação com a nova geração x estagnação, referindo-se à faixa de idade entre 35 e 55 anos que se caracteriza pela necessidade do indivíduo em estar envolvido no ensino e na orientação da próxima geração. O impedimento de tal vivência pode gerar “estagnação, tédio e empobrecimento interpessoal” (SCHULTZ, 2002, p. 213).

Ainda segundo Erikson, o cuidar, é entendido como força fundamental dessa fase, que é demonstrado pela preocupação com os outros através da necessidade de ensino. O cuidado aqui é exercitado não só com o intuito de auxílio, mas também como veículo de formação da própria identidade.

Nesse contexto, a partida emocional e, muitas vezes, física do filho adolescente exige dos pais novos investimentos libidinais, a fim de preencher o espaço existencial que pode se ver vazio.

Esse episódio é comumente chamado pelos autores de “Síndrome do ninho vazio” que atinge ambos os sexos. No entanto, é comumente visto em mulheres que fizeram da criação de seus filhos, potenciais quase que exclusivos de gratificação e realização.

A personalidade dos pais é um fator influenciador na personalidade dos filhos. Levisky (2001) salienta que aspectos da personalidade dos pais (ansiosos, obsessivos, histéricos, narcísicos, superprotetores) são fatores determinantes na qualidade da relação entre pais e filhos.

A partir deste prisma, pode-se observar inúmeras atitudes paternas que nascem em função da crise individual e do relacionamento entre pais e filhos. O mais comum é o desenvolvimento da comunicação pautada na dupla mensagem. Esta, ao mesmo tempo em que estimula a emancipação, tenta exercer controle, sendo exemplo típico da situação ambivalente estabelecida e da notável dificuldade em lidar com a perda da função paterna antes estabelecida (LEVISKY, 2001).

A dupla mensagem, embora seja algo comumente visto nos relacionamentos cotidianos entre pais e filhos, é algo que merece atenção e reflexão, pois a ambigüidade das mensagens pode desenvolver um caráter confuso na personalidade adolescente que se encontra muito frágil e vulnerável.

O narcisismo também é outro ponto relevante a ser observado na relação, que pode ser analisado tanto por um prisma positivo quanto negativo. O último faz referência à situação na qual pais extremamente narcísicos entram em confronto direto com o narcisismo vivido pelo filho, que se for sentido por eles de maneira insuportável, podem responder por meio da repressão. (LEVISKY, 2001)

Levisky (2001, p. 151) aponta que “enquanto nos jovens o estado narcísico é parte do momento evolutivo e estruturante da personalidade, nos pais pode ser uma configuração rigidamente estruturada”.

Quanto aos fatores positivos, estes dizem respeito à possibilidade da preservação do self, garantindo a individualidade de ambos, como também a necessidade de modelos identificatórios positivos, peças fundamentais para a construção da identidade que está por se estabelecer (LEVISKY, 2001).

A ambivalência é um sentimento que permeia intensamente todo esse processo, pois se por um lado os adolescentes necessitam da identificação, em contrapartida negam e desprezam os pais da infância. Isto ocorre, em decorrência da busca pela auto-afirmação. É importante destacar que, embora tal movimento se constitua como um processo psicológico normal, ele é sentido de forma dolorosa e conflitante pelos pais.

Os pais, envoltos no clima de instabilidade psicológica e preocupações sociais, podem desencadear um processo dual entre fantasia e realidade em relação aos filhos, o que pode gerar aumento de ansiedade e insegurança. As preocupações reais começam a se misturar com fantasias e o medo pode fazer com que assumam uma postura autoritária e conflitiva. (LEVISKY, 2001).

Embora haja atualmente uma ampla discussão sobre os conflitos normais da adolescência, a intelectualização, muitas vezes, não é suficiente frente ao apaziguamento da relação pai e filho, pois não raramente estes estão relacionados à reedição dos aspectos paternos de sua própria adolescência.

Tal quadro pode ser observado nos relacionamentos entre pais e filhos observados na sociedade atual, na qual a maioria dos pais não é capaz de ser empático aos dramas dos filhos que, justificados em suas atitudes de rebeldia e desacato, tentam encobrir os sentimentos de insegurança e a necessidade de ser acolhido.

Levisky (2001) destaca que:

A evolução desse movimento de ruptura do adolescente com a infância está relacionada a sua história junto aos pais. Sua problemática de evoluir favoravelmente é maior quanto maiores forem os sentimentos de segurança e de autenticidade desenvolvidos na relação entre pais e filhos. Não se trata de serem pais ou filhos perfeitos, mas de se aceitarem como pais com qualidades e falhas, e aprenderem a lidar, tolerar e compreender as qualidades e falhas dos filhos (LEVISKY, 2001, p. 155).

Portanto, cabe aos pais compreender as falhas dos filhos e aos filhos suportar a frustração da desidealização paterna, mesmo porque, por mais forte que seja o vínculo estabelecido nessa relação, não se pode perder de vista seu caráter humano, que é passível de falhas e sofrimento.

1.3 *Adolescência e Maturidade*

A família durante toda a história foi reconhecida perante sua função socializadora. Dias (1995) destaca que antes mesmo do nascimento de um bebê ele já ocupa um lugar social na vida psíquica de seus familiares que, inicialmente lhe apresentarão o mundo.

Acredita-se que esta primeira formação social sobre o mundo, somada a outras figuras significativas, irá influenciar na sua opção profissional futura.

“A forma como os pais dão significado aos elementos da vida ocupacional sempre estará presente no modo de um filho significar este universo” (DIAS, 1995, p. 74).

A escolha profissional é mais uma tarefa da etapa evolutiva da adolescência, normalmente desencadeia uma crise, pois o momento da escolha coincide com as turbulências vividas entre pais e filhos em decorrência da adolescência.

Dias (1995) conceitua crise ocupacional como:

[...] um período onde muitas mudanças se processam num curto espaço temporal, no qual, muitas vezes um estudante escolhe não porque já se sente pronto para fazê-lo, mas porque, por exemplo, o prazo de inscrição do vestibular pressiona”. (DIAS, 1995, p. 75).

Diante desta “crise”, mobiliza-se ansiedades em todo o contexto familiar e a estruturação desse sistema é de fundamental importância para a resolução e caminho que seguirá tal situação.

Levenfus (1997) destaca que em uma família bem estruturada, na qual o indivíduo recebeu uma carga suficiente de energia grupal em que possa amadurecer respeitando e sendo respeitado em sua individualidade, haverá maior probabilidade de ser uma pessoa mais segura, confiante e autêntica, capaz de estabelecer com a questão vocacional uma relação construtiva e prazerosa.

No entanto, os indivíduos que não receberam essa energia de maneira necessária poderão apresentar características de insegurança e limitação frente seus potenciais vocacionais (LEVENFUS, 1997).

Levisky (2001) acredita que quando o jovem é capaz de reivindicar, enfrentar e manter suas posições, mostra que já está trabalhando para tentar conduzir suas pulsões agressivas e libidinais.

“Estas condições sinalizam a existência de maior grau de nitidez em relação às suas redefinições superegoicas e no nível do ideal de ego” (LEVISKY, 2001).

O jovem, ao ter que optar por uma carreira, necessita abdicar de opções também interessantes e encarar uma série real de perdas como a escola que freqüentava, amigos, identidade infantil ou até mesmo a casa onde viveu toda vida. Enfim, a segurança e a comodidade do mundo até então experimentado por ele.

Diante da escolha, os pais podem influenciá-la de maneira direta e autoritária ou mesmo de maneira disfarçada, deixando implícita sua opinião, o que poderá fazer o jovem sentir-se autor da escolha, quando realmente não é.

Dias (1995) destaca que a boa elaboração de conflitos pode ser um aspecto decisivo na atitude do adolescente nos impedimentos criados pelos pais na livre escolha de sua profissão.

É importante observar que “A ideologia familiar gera uma imagem vocacional que se interpõe entre o indivíduo e sua percepção, influenciando sobremaneira, a idéia que os indivíduos têm de uma determinada profissão” (LEVENFUS, 1997, p. 125).

Dias faz referência a um estudo que realizou na Unicamp, no qual verificou “que o nível de satisfação dos pais com sua profissão influencia

significativamente o entusiasmo com que o jovem abraça sua profissão” (DIAS, 1995, p. 129).

O jovem presencia desde a infância o contentamento ou descontentamento dos pais acerca da sua profissão e vão começar a se familiarizar com elas, segundo a perspectiva paterna.

A pesquisa realizada por Dias (1995) sugere algumas reflexões sobre aspectos como a idealização e imitação de objetos, a evitação de objetos desvalorizados, relacionando a problemática vocacional em diferentes graus, partindo do ponto geral da problemática ocupacional familiar ou mesmo em cada elemento dela.

A escolha pode também estar vinculada a dilemas vividos no grupo familiar, que pode ser expoente de um sintoma desse grupo. Dias, a fim de elucidar tal fato, explica o mecanismo de identificação projetiva, como: [...] sentimentos e idéias derivados do mundo interno do indivíduo que são cindidos (derivados em pedaços) e projetados num objeto externo” Klein (1982 apud DIAS, 1995, p. 80).

Conseqüentemente, o sujeito fica desprovido dessa parte do EU e a vivencia no objeto (a outra pessoa) como se esse possuísse a parte projetada. A outra pessoa reciprocamente a recebe, através de pactos que permanecem inconscientes aos sujeitos. A situação é nociva, já que o indivíduo e o grupo permanecem conflitados numa situação suspensa.

Dias (1995) destaca também o caráter reparatório que pode assumir a escolha de determinada profissão, podendo esta estar a serviço de “consertar”

algo que se encontra em desconforto dentro do indivíduo ou mesmo no seu ambiente grupal, representando tal conteúdo e tentando apresentar soluções.

O autor salienta que essas “falsas reparações” tenderão mais a frustração do que o enriquecimento do futuro profissional, já que não há a elaboração dos conflitos das ansiedades originais” Borolavisky (1987 apud DIAS, 1995, p. 82).

Diante destas questões, acredita-se que o diálogo é sempre o caminho mais saudável para a busca do entendimento entre pais e filhos.

Aos pais, para a compreensão dos dramas do filho, é imprescindível o diálogo acompanhado da escuta empática. É recomendável que este diálogo não seja permeado somente de suas experiências de vida, pois isso pode abalar consideravelmente o relacionamento construtivo e horizontal que pode ser estabelecido.

O adolescente de hoje, como o de todos os tempos, está farto de conselhos, precisa fazer suas experiências e comunicá-las, mas não quer, não gosta nem aceita que suas experiências sejam criticadas, qualificadas, classificadas nem confrontadas com os pais (ABERASTURY, KNOBEL, 1986, p. 21).

Tal afirmação deve ser foco de ampla discussão, visto a atitude saudosista e autoritária observada nos pais às experiências que o filho adolescente experimenta com o mundo.

A problemática adolescente, bem como a vocacional, vem adquirindo um papel a ser refletido, já que as mudanças de paradigmas trazidas pela pós-modernidade vêm causando insegurança nos pais quanto à integridade de sua educação com os filhos.

A liberdade e o limite, nesse contexto, são vividos de forma tensa, tornando ainda mais evidente a ambivalência de tal fase, acentuando as cobranças implícitas e explícitas frente às posturas esperadas pelo adolescente, o que pode gerar decisões prematuras na relação com o mundo e, em especial com a escolha vocacional.

A preocupação paterna em oferecer uma educação para o filho condizente às expectativas sociais permite observar um constante mal-estar que se fundamenta em acertos e erros.

Tal perspectiva, do acerto ou erro, talvez reflita no processo da escolha vocacional, que poderá também ser analisado nesse ângulo determinista.

Torna-se evidente as dificuldades dos caminhos que pais e filhos vêm vivenciando frente ao processo de escolha vocacional, o que neste trabalho suscita numa visão compreensiva sobre o despreparo de ambos sobre a entendimento dos dramas vividos um pelo outro, bem como a maneira que se pode agir diante destes.

Portanto, informação e discussão se mostram necessárias, e aos pais lança-se a proposta desafiadora em relação à sua capacidade empática de diálogo, carinho e compreensão, diante desse anônimo filho que emerge através de um de um novo corpo e de um novo comportamento.

2 Conceitos fundamentais para compreensão do tema

2.1 Identificação

O ser humano é fruto de uma construção sócio-histórica na qual toma por base a cultura e o comportamento das gerações precedentes para nortear sua vida.

Segundo Levenfus (1997), o homem constantemente buscou explicações para orientar seu caminho, para isso apoiou-se inicialmente na mitologia e atualmente tem sido papel da psicologia mostrar a necessidade do convívio com o outro para que se possa definir a existência e a identidade humana.

A autora destaca que a complexidade e o dinamismo desse processo talvez tenham se iniciado com os ancestrais do homem à medida que estes projetavam nos filhos aspectos de si mesmos. Isto promove a reflexão para o fato de que o ser humano é sempre o resultado da interação de aspectos próprios relacionados aos do contato dinâmico com o outro e com o meio (LEVENFUS, 1997).

A identificação ocorre desde o nascimento e pode ser entendida como um mecanismo psicológico no qual o indivíduo introjeta conteúdos de outras pessoas e a partir disso vai constituindo sua identidade.

Segundo Cabral e Nick (2001),

Identificação é um mecanismo psicológico pelo qual o indivíduo assume, mais ou menos permanentemente, as características de personalidade investidas na imagem de outra pessoa internalizada, mediante um processo de incorporação (2001, p. 149).

A incorporação dos primeiros objetos internos ocorre inicialmente na relação mãe-bebê e na relação da criança com os pais no decorrer dos seus primeiros anos, o que salienta a importância de figuras parentais saudáveis e satisfatórias.

De acordo com Grinberg (1976 apud Levisky, 2001, p. 70), “processos identificatórios produzem mudanças estruturais internas mais profundas que afetam a realidade interna do self e a organização interna do ego e do superego”.

Esta afirmação evidencia a importância em se preocupar com as identificações que crianças e adolescentes realizam com as pessoas e o mundo que os circunda.

Com relação a isto, Levisky (2001, p. 79) afirma que “o processo de identificação da criança e do adolescente na sociedade contemporânea é complexo; e provavelmente mais ansiógeno do que em outras épocas”.

O autor destaca que o adolescente passa por um processo normal no qual necessita desidentificar-se de objetos e valores infantis que adquiriu principalmente através da família, a fim de reidentificar-se com novos objetos que serão importantes para a fundamentação de sua identidade.

“Esse processo é, concomitantemente, doloroso, culposo e atraente” (LEVISKY, 2001, p. 79). Já que o momento em que ocorrem as identificações e desidentificações dos objetos é aquele em que o adolescente se posiciona frente aos dramas referentes à orientação vocacional.

Para Levenfus e Soares (2002) a identidade vocacional do indivíduo sofre influência das identificações que ele faz no decorrer da vida, sendo freqüente que o adolescente tenha o desejo de desempenhar a mesma profissão de pessoas que estabeleceu vínculo positivo.

Isto ocorre porque a visão que os jovens têm acerca das profissões é fantasiosa e idealizada, relacionando-as geralmente as experiências vividas por pessoas de sua convivência, o que mostra a importância em confrontar o adolescente com as informações sobre a natureza de cada profissão, produzindo assim, um dado de realidade que possibilita uma escolha menos pautada em identificações irreais e fantasiosas.

2.2 Identidade

A construção da identidade é a tarefa mais importante da adolescência e esta pode ser entendida como uma inevitável batalha entre o indivíduo e o mundo. Segundo Schoen-Ferreira et al. (2003), é “o passo crucial na transformação do adolescente em adulto produtivo e maduro”.

Schultz (2002) dividiu o desenvolvimento da personalidade em oito estágios psicossociais, dentre os quais, o quinto estágio pauta-se na capacidade do jovem em estabelecer sua identidade a partir de um dilema central que é denominado identidade x difusão de papéis. Segundo Erikson, construir uma identidade “implica em definir quem a pessoa é, quais são seus valores e quais as

direções que deseja seguir pela vida” (ERIKSON, 1972 apud SCHULTZ, 2003, p. 107).

Esse período é comumente caracterizado como moratória, onde a mente do adolescente ainda se configura em um misto de infância e maturidade, no qual a sua identidade infantil não é mais suficiente e a adulta necessita ser conquistada para que o jovem possa vivenciar os inúmeros papéis contextualizados pela vida adulta.

Bee (1997) relata ainda algumas tarefas e atividades desse estágio, que são: adaptação do senso de self às mudanças da puberdade, escolha ocupacional, identidade sexual adulta e busca de novos valores (ERIKSON, 1974 apud BEE, 1997, p. 63).

Erikson, destaca que o comportamento do principal cuidador da criança é influenciador e essencial nesse processo a fim de que se estabeleça um sentimento de confiança. Para que isso ocorra, é necessário que o genitor ame com consistência e reaja de maneira previsível e confiante, pois, caso contrário, pode instaurar um sentimento de desconfiança. Salienta ainda que, independentemente de uma resolução positiva ou negativa da criança, ela inevitavelmente carregará esse aspecto de identidade básica que a influenciará na solução das tarefas posteriores (ERIKSON, 1974 apud BEE, 1997, p. 63).

Já Osório destaca que

[...] a identidade é o conhecimento por parte de cada indivíduo da condição de ser uma unidade pessoal ou entidade separada e distinta dos outros, permitindo reconhecer-se o mesmo a cada instante de sua evolução ontológica e correspondendo, no plano social, à resultante de todas identificações prévias feitas até o momento considerado” (OSÓRIO, 1992, p. 15).

Tais identificações são explicadas como sendo um processo psicológico no qual a pessoa assimila aspectos, propriedades ou atributos do outro e os incorpora à sua personalidade de forma transformada a partir daquele modelo, entendendo assim, identidade como um aspecto da personalidade que é constituída pela resultante de múltiplas identificações parciais. (PONTALIS, 1977 apud LEVISKY, 2001, p. 71).

Segundo Shoen-Ferreira et al. (2003), a formação da identidade recebe a influência de fatores intrapessoais, interpessoais e culturais. Sendo que o primeiro faz referência às capacidades inatas do indivíduo e aquisições que este faz por intermédio da personalidade, o segundo diz sobre as identificações que se estabelecem com as outras pessoas, ao passo que os culturais são caracterizados pelos valores sociais vigentes, tanto no aspecto comunitário como global.

Márcia propõe a existência de duas facetas importantes para a formação da identidade adolescente: uma crise e um compromisso (BEE, 1980 apud MÁRCIA, 1997, p. 353).

Crise geralmente é caracterizada como um período de decisão em que antigos valores precisam ser reavaliados. Osório aponta que tal termo abandonou sua configuração de catástrofe e, atualmente, acredita-se que este designa um ponto crucial no desenvolvimento, reconsiderando as experiências e redefinindo os objetivos, sendo de importância fundamental tanto para os indivíduos quanto para suas instituições. (ERIKSON, 1971 apud OSÓRIO, 1992, p.14).

Já Aberastury (1990) enfoca a crise como uma situação nova, que está envolta por problemas, dando ao indivíduo que a experimenta uma nuance de perigo. Segundo ela, o ser humano em seu caminho evolutivo inevitavelmente

passará por algumas crises vitais, tais como: desmame, fim da primeira infância, resolução do conflito edípico, adolescência e climatério. E estas podem não obedecer um caráter gradual ou normal, contrariando conceitos como permanência e estabilidade. No entanto, é lícito destacar que a crise adolescente é aquela que serve como maior expoente de tal termo.

A crise adolescente é hoje um fenômeno comumente observado na sociedade e, visto sua tendência atual, encontra ainda resistência no contexto familiar, o qual baseado nas suas experiências tenta negar esse mecanismo. Contudo, a crise se configura como parte essencial do processo adolescente, podendo ser entendida como um caminho saudável e necessário para o encontro de resoluções satisfatórias.

Segundo Bee (1997) o conflito é o passo inicial para a reflexão sobre a escolha profissional, momento em que o adolescente dispensará forças libidinais a fim de elaborar os lutos referentes às fantasias infantis acerca da profissão e ser capaz de trabalhar com as possibilidades reais sobre a escolha.

Em relação a compromisso, “estes correspondem às questões que o indivíduo mais valoriza e com as quais mais se preocupa, refletindo o sentimento de identidade pessoal” (SCHOEN-FERREIRA et al, 2003, p.108).

Bee (1997) relata um estudo em que enfoca a identidade vocacional. Nele, a autora observou que o status de obtenção da identidade costuma ocorrer não nos anos do ensino médio, mas sim durante os primeiros anos de universidade.

A construção e o estabelecimento da identidade ocorre de forma gradativa, conflituosa e individual, o que mostra a importância da família e da

sociedade em considerar o tempo interno de cada indivíduo, ao passo que este vai consolidando o seu sentimento de identidade pessoal.

Schoen-Ferreira et al. (2003) destaca que o sentimento de identidade pessoal acontece de duas maneiras: a primeira é através da construção do senso de continuidade no tempo e espaço, e a segunda é a percepção do outro no reconhecimento da semelhança e da continuidade, o que revela a importância do componente social na estruturação de tal processo.

A adolescência é a fase da vida em que o indivíduo encontra-se mais desequilibrado em seus mecanismos internos, o que o deixa mais vulnerável as influências externas.

Osório (1992) idealizou um triângulo no qual o sentimento de identificação é função entre três vértices.



Diante desse processo de construção, ocorrem as primeiras tentativas rumo à conquista da identidade do ego, desenvolvendo-se uma difusão de papéis, onde os adolescentes tendem a identificar-se demasiadamente com heróis de cinema, líderes de grupo e campeões esportistas. Tais identificações podem

assumir potência tão elevada que pode parecer que o jovem perdeu sua identidade. (MUSS, 1996).

Nesse período da identificação, os pais, que antes eram o suporte de sua identidade, passam por um período em que o filho rebela-se contra seu domínio e seus valores, uma vez que possui a necessidade de diferenciação da identidade paterna.

A perda dos pais idealizados é um rompimento muito sofrido para o adolescente, que agora consolida um elo com a roda de amigos, que geralmente pertencem à mesma idade e turma, sendo agora o sinalizador inicial do encontro de sua identidade pessoal frente ao contexto social.

O sentimento de participação nos grupos adolescentes é intenso, podendo resultar muitas vezes em atitudes de intolerância com as diferenças. Tais grupos necessitam estar em contato com uma identidade própria e esta muitas vezes é estabelecida através da linguagem, gestos e vestimentas. Comportamentos que podem ser explicados como “uma defesa necessária contra os perigos de autodifusão que existem nesse período” (ERIKSON, 1959 apud MUSS, 1996, p. 37).

Diante do processo pelo estabelecimento de uma nova identidade, Knobel alerta: “não se pode dizer simplesmente que o adolescente busca ter uma identidade. Ele já tem uma, a identidade adolescente, que é justamente a que lhe permite seguir o curso de seu desenvolvimento” (KNOBEL, 1988 apud OSÓRIO, 1992, p. 18).

Observa-se que o que vem ocorrendo hoje é uma incompreensão sobre o fenômeno adolescente, pois os jovens estão inseridos numa sociedade pautada em um sistema competitivo e massificador.

O problema ainda se vê intensificado quando se analisa a questão econômica e das classes sociais. É evidente que o adolescente que parte prematuramente para o mercado de trabalho, e que não tem perspectivas para o futuro ingresso em uma universidade, tem seu estabelecimento da identidade contextualizado em diferentes objetivos, embora sejam os mesmos os tipos de dilemas encontrados.

Osório destaca que, quando nos referimos à crise de identidade do adolescente contemporâneo, estamos mais precisamente levando em consideração as transformações psicológicas daqueles jovens pertencentes a níveis sócio- econômicos mais privilegiados, que basicamente têm o que comer e o que vestir, que são capazes de “usufruir as demais prerrogativas da condição humana quando satisfeitas suas necessidades mais elementares.” (OSÓRIO, 1992, p. 21).

Os menos favorecidos são obrigados a ingressar prematuramente no mercado de trabalho e na maioria das vezes continua no mercado sem conseguir cursar a universidade. No entanto, é fundamental apontar que, quando se trata desse assunto, independentemente dos indicativos econômicos, torna-se evidente a necessidade da configuração de uma identidade sólida e sadia.

Segundo Muss, “se a identidade do ego não é satisfatoriamente estabelecida nesse estágio, existe o perigo de difusão de papéis, que prejudicará o desenvolvimento subsequente do ego” (1996, p. 37).

2.3 Identidade vocacional

A escolha vocacional é mais uma das tarefas evolutivas da adolescência e se encontra temporalmente inserida no processo de formação da identidade. Esta é caracterizada pelo momento em que o jovem começa a se preocupar com o futuro, realizando avaliações de suas habilidades e interesses, podendo assim delimitar o trabalho que almeja desempenhar.

“A preocupação se inicia principalmente via sociedade, através da introdução do tema escolha profissional na escola, na família, entre os amigos”. (LEVENFUS, 1997, p. 118). Caracterizando, assim a influência marcante da sociedade e da família frente a tal processo.

Sarriera et al (2001) definem identidade vocacional como sendo um dos componentes da identidade pessoal, sinalizando a maneira com que a pessoa integra suas diferentes identificações, sabendo o que quer fazer, a maneira como se faz e em que contexto se realiza.

E é no momento do desenvolvimento da identidade vocacional em que ocorre um olhar do jovem para o contexto sócio-cultural das instituições, organizações e tecnologias existentes, as quais são relacionadas por ele de maneira analítica às oportunidades que poderão vivenciar por meio da profissão escolhida. Este é um período de exploração do jovem em busca das respostas acerca da sua escolha vocacional e da definição de seus projetos de vida. (SARRIERA et al., 2001)

O jovem começa a analisar o mundo segundo uma ótica mais crítica e realista, embora ainda esteja sendo influenciado pela intensidade dos sentimentos adolescentes, o que pode transmitir às coisas uma conotação de catástrofe ou exagero.

Boneli (1995 apud LEVENFUS, 1997, p. 119), baseado no desenvolvimento da escolha profissional, na elaboração da identidade pessoal e na formação das identidades profissionais, classifica as escolhas em três períodos fundamentais:

O primeiro período é denominado de escolhas com base na fantasia, no qual o autor faz referência às primeiras identificações, nas quais as escolhas são permeadas pelo princípio do prazer, apresentando assim uma perspectiva temporal distorcida, pois a fantasia possibilita a apropriação de vários papéis.

Tal período encerra-se entre 10 e 11 anos, cedendo lugar a um período de maior realismo, que, amparado no contexto escolar, possibilita a descoberta de gostos, habilidades, experiências e vivências a partir de êxito ou fracasso, proporcionando, assim, uma progressiva elaboração da auto-imagem vocacional.

O segundo período, determinado de tentativas ou projetos, ocorre aproximadamente até os 17 anos. Nele, o adolescente vivencia um plano de tempo subjetivo, no qual tenta fazer um reconhecimento entre presente e futuro. Este período é marcado pela influência da crise normal da identidade, o que visivelmente torna difícil o reconhecimento de uma auto-imagem fundamentada no futuro.

Já o terceiro período é chamado de período das escolhas realistas, que acontece entre 17 e 18 anos. Nele, a crise adolescente se encontra em maior

elaboração e a realidade externa adquire força marcante e urgente na sua vida. As responsabilidades precisam ser assumidas e o término do segundo grau é um dos principais indicativos desse fato.

A construção da identidade vocacional está diretamente relacionada à identidade pessoal, pois carrega em sua essência todas identificações feitas pelo indivíduo durante sua existência, o que influenciará a sua percepção das profissões.

A ocupação profissional, bem como seu processo de escolha, é nitidamente uma decisão geradora de angústia e ansiedade, pois ela é um dos principais expoentes que permearão a vida desses futuros adultos, já que o trabalho possui na sociedade um papel sócio-cultural e de organização psicológica na vida do indivíduo.

Segundo Sarriera et al. (2001) o trabalho poderá desempenhar um papel estruturante na identidade, desde que proporcione ao jovem um sentido de vida, facilitando suas escolhas profissionais, permitindo novos contatos sociais e ampliando sua rede social e de amizade.

Portanto, a reflexão e compreensão acerca da identidade ocupacional é urgente e necessária, pois “A saúde mental estará dependente de como o trabalho é articulado e vivenciado pelos trabalhadores” (SARRIERA, 2001, p. 28).

3 Escolha: motivos conscientes e inconscientes

O ser humano, no decorrer do seu desenvolvimento, vai adquirindo capacidade psicológica e social em administrar sua vida. Isto pode ser observado por intermédio das escolhas, que são uma constante no cotidiano do indivíduo e assumem caráter decisivo na sua trajetória.

A escolha vocacional é uma das mais importantes e conflituosas a ser realizada, pois ocorre de maneira concomitante à crise adolescente e está permeada por um rígido padrão social quanto ao tempo e idade em que deve ocorrer.

A sociedade contemporânea criou um método de avaliação chamado vestibular, e este é o expoente social deste rito de passagem, que tem sido gerador de angústia e ansiedade, visto o caráter competitivo e massificador que adquiriu tal procedimento.

A escolha profissional é uma temática que envolve o indivíduo desde a infância e com o passar do tempo vai adquirindo dimensões mais pautadas no princípio da realidade.

Segundo Mello (2002), o indivíduo que faz a escolha vocacional é um adolescente ou adulto jovem que luta pelo estabelecimento de uma identidade, encontrando-se em pleno desenvolvimento intelectual, emocional, social e psicológico. Ele está envolvido em uma estrutura social e educacional que o obriga a tomar decisões vocacionais prematuras.

A escolha ocupacional resulta sempre de um diagnóstico prognóstico feito pelo jovem ou por seus pais, pela família ou por um orientador vocacional essencialmente diretivo. Um diagnóstico prognóstico contém em si as variáveis possibilidade e probabilidade (MELLO, 2002, p. 108).

O autor destaca que, por mais tortuoso, rudimentar, impulsivo ou simplista que seja o processo mental de escolha, ele estará sempre baseado nessas duas vertentes, as quais proporcionarão ao adolescente fazer sua escolha. Mesmo que ele opte por “não escolher”, ou seja, deixar-se levar pelas conveniências familiares e sociais, ainda assim está optando por algo, mesmo que seja baseado num ponto de vista comodista ou precário. Mello (2002) afirma que a escolha vocacional satisfatória teria que ser pautada num projeto de vida o qual é muitas vezes inviável, devido à fragilidade de conhecimentos que esse adolescente tem em relação a si próprio, sobre o mundo do trabalho e o mundo educacional. Essa falta de conhecimento pode levar a decisões precipitadas, visto que limita a visão dos problemas a apenas alguns questões.

Sendo assim, o conflito vocacional é circunscrito como um ponto de referência muito maior que a possibilidade de acerto e erro, pois implica em deixar a estabilidade do conhecido e partir rumo ao desconhecido, fonte geradora de angústia, dúvida e ansiedade:

Trata-se da questão de lidar com a perda, a separação dos objetos possuídos até então ou de objetos desejáveis, pois a conquista de algo escolhido (mas desconhecido e incerto - a futura profissão) implica no abandono de outras coisas, pessoas e possibilidades (MELLO, 2002, p. 110).

O conflito de identidade é algo latente à condição humana e a escolha vocacional profissional faz parte desse momento de reflexão e desafio existencial que será mais um passo para delinear a personalidade que está em construção.

Ao vivenciar o conflito vocacional, a crise de identidade mesmo que momentânea, o jovem já terá imobilizado ou estará mobilizando seus

habituais mecanismos de adaptação e defesa do ego, aguçando ambivalências e ambigüidades não resolvidas em fase anterior de seu desenvolvimento psicológico, trazendo à tona outros conflitos de seu mundo interno, dos quais o conflito vocacional é parte e consequência (MELLO, 2002, p. 112).

O adolescente quando vivencia o conflito vocacional está envolvido em um momento de incertezas e dúvidas, não só da profissão que irá seguir, mas também sobre quem ele é e o que espera do seu futuro.

Levenfus (2002) destaca que a base da saúde psíquica está pautada na construção do trabalho e do amor, destacando o trabalho como algo realizado em torno de afinidades que geram prazer, e o amor, como um sentimento carregado de componentes físicos e afetivos, característico e diferencial do amor humano.

A família e a sociedade são fontes de influência nesse processo, que está sujeito a inúmeras interferências conscientes e inconscientes. A primeira fundamentada nas vantagens e no status de certas profissões e a segunda nas projeções do outro nessa escolha.

Um caso que pode ser observado são crianças que nascem com um destino marcado, legados a seguir as profissões parentais. Segundo Levenfus,

muitos adolescentes aceitam este mandato superegóico e até parecem ter a disposição para essa determinada atividade na vida, o indivíduo chega a perder a sua identidade e adquire uma pseudo-identidade ou o que na psicanálise denomina-se falso self (2002, p. 26).

Um outro caso que cita é o comodismo ou a “suposta conveniência” na qual jovens realizam suas escolhas baseados no sucesso das profissões parentais, escolhas feitas muitas vezes de maneira consciente, oportunista e desprovida de amor.

As decisões feitas pelo adolescente são analisadas pela família e pela sociedade com padrões simplistas e relacionais, no entanto é importante destacar os aspectos inconscientes que também permeiam uma escolha.

No mundo inconsciente é onde ficam incorporadas as figuras parentais, sociais e ambientais que norteiam a vida, e podem constituir um fator de influência na escolha vocacional. Porém, para que se adquira compreensão desses fatores inconscientes, faz-se necessário um estudo sobre o sujeito, sua biografia, sua relação com a família e sociedade, bem como sua capacidade de amar e saber. (LEVENFUS, 2002).

O conhecimento dos sentimentos transferenciais e contratransferenciais é a base para o entendimento dos motivos inconscientes da escolha, já que está pautada no seu temperamento e história pessoal (LEVENFUS, 2002).

A necessidade de um olhar atento dos pais e, em alguns casos, uma ajuda profissional, são evidências inegáveis frente ao processo de escolha, observação esta preocupante, visto que na adolescência, bem como em todos os dramas que envolvem sua trajetória, os adolescentes são banalizados e muitas vezes ridicularizados pela família e sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo refletiu sobre a complexidade que envolve a adolescência, um processo longo e doloroso no qual o indivíduo caminha rumo a aquisição da identidade adulta.

Atualmente, diante das inúmeras transformações sócio-culturais pelas quais vêm passando o mundo, observa-se um quadro de crise e incompreensão acerca de tal período que é marcado pela falta de comunicação entre pais e filhos e grandes expectativas quanto ao futuro.

A escolha vocacional é vivenciada nesse contexto como um processo urgente e atormentador que marca no jovem a despedida do seu mundo conhecido, começando a cobrar e ser cobrado em relação à escolha correta.

Ampliar o canal de comunicação entre pais e filhos é provável que seja um caminho para que o adolescente se sinta mais apoiado e seguro rumo à conquista do temido mundo adulto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABERASTURY, A. Adolescência. 6. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. Adolescência normal. 5. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.
- BEE, H. O ciclo vital. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- CABRAL, A.; NICK, E. Dicionário técnico de psicologia. 11. ed. São Paulo: Cultrix, 2001.
- DIAS, M. L. Família e escolha profissional. In: BOCK, A. M. B. et. al. A escolha profissional em questão. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995, p. 81-93.
- BRASIL. Direitos da criança e do adolescente. São Paulo: Secretaria da Criança, Família e Bem-estar Social, 1997.
- ERIKSON, E. Identidade juventude e crise. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.
- LEVENFUS, R. S. Psicodinâmica da escolha profissional. 6. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- _____; SOARES, D. H. Orientação vocacional ocupacional. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.
- LEVISKY, D. L. Adolescência reflexões psicanalísticas. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.
- LIDZ, T. A pessoa – seu desenvolvimento durante o ciclo vital. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

MELLO, F. A. F. O desafio da escolha profissional. 1. ed. Campinas: Papyrus, 2002.

MUSS, R. Teorias da adolescência. 5. ed. Belo Horizonte: Interlivros, 1996.

OSÓRIO, L. C. Adolescência hoje. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

SARRIERA, J. C. et al. Formação da identidade ocupacional em adolescentes. Estudos de Psicologia, v. 6, n. 1, p. 27-32, 2001.

SCHOEN-FERREIRA, T. H. A construção da identidade em adolescentes: um estudo exploratório. Estudos de Psicologia, v. 8, n. 1, p. 107-115, 2003.

SCHULTZ, D. P.; SCHULTZ, S. E. Teorias da personalidade. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BOHOSLAVSKY, R. Orientação Vocacional teoria, técnica e ideologia. São Paulo: Cortez, 1983.

CALLIGARIS, C. A adolescência. São Paulo: Publifolha, 2000.

LEVENFUS, R. S. Faça o vestibular com seu filho, faça o vestibular com seus pais. 1. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

PELLETIER, D.; BUJOLD, C.; NOISEUX, G. Desenvolvimento vocacional e crescimento pessoal. 4. ed. Petrópoles: Vozes, 1985.

ORIENTAÇÕES PARA FILHOS SOBRE ADOLESCÊNCIA E O DILEMA VOCACIONAL

Quando a gente é criança, vive sonhando em como vai ser quando crescer: poder dirigir, sair sem avisar, ganhar dinheiro... Mas, quando se olha no espelho e vê o corpo crescendo e as pessoas cobrando as coisas, logo percebe o quanto é estranho esse mundo chamado “adulto”.

Antes de ser adulto, se é adolescente... Como assim???

A adolescência é uma fase na qual ocorrem as mudanças da infância para a vida adulta. Nela, o corpo se desenvolve e as coisas que se imaginava quando era criança vão mudando também!



OCORREM MUITAS MUDANÇAS... E A GENTE PERCEBE...

- ✓ Que o corpo começa a crescer sem parar e, às vezes, essas novas formas não agradam tanto quanto gostaríamos;
- ✓ Que a vida tem possibilidades limitadas e é quase impossível conseguir tudo o que queremos;
- ✓ Que as pessoas não são tão legais como pensávamos;
- ✓ Que nossos pais também sofrem e, às vezes, são muito chatos;
- ✓ Que ser criança era muito divertido e o mundo adulto é perigoso e cheio de obrigações;
- ✓ Que temos que nos esforçar para fazer parte de uma turma;
- ✓ Que as coisas, antes, eram mais calmas e, hoje, às vezes, dá um aperto no peito!



É... DEIXAR DE SER CRIANÇA PARA SE TORNAR ADULTO É UMA TAREFA
DIFÍCIL E DEMORADA. ENTÃO, SE É COMUM VOCÊ:

- ✓ Ficar irritado;
- ✓ Ficar sem graça diante de algumas situações;
- ✓ Ter vontade de ser como os amigos;
- ✓ Achar que seu pé, sua mão, sua barriga e outras partes do corpo estão crescendo demais;
- ✓ Achar que o mundo está contra você;
- ✓ Ficar sem graça quando seus pais o abraçam ou beijam em público;
- ✓ Levar várias pisadas na bola dos seus amigos;
- ✓ Ter vontade de chorar e não sabe o porquê;
- ✓ Achar que seus pais são chatos e exigentes;
- ✓ Sentir-se confuso quanto ao futuro;
- ✓ Ter vontade de sumir de vez em quando;
- ✓ Sentir dificuldade para escolher uma profissão.

Não se desespere! É normal esse monte de inseguranças e receios acontecerem com os adolescentes, mas uma hora passa...

CRESCER É REALMENTE DIFÍCIL...



Desde o nascimento, começamos a aprender coisas. À medida que se cresce, isso vai ficando mais complicado, porque temos também que fazer escolhas.



... MAS FAZER ESCOLHAS É BEM MAIS É DIFÍCIL!

Escolher é algo muito bom, pois temos liberdade para optar pelas coisas que desejamos. Mas, ao mesmo tempo, é bem difícil, já que escolher significa sempre abrir mão de algo que também poderíamos querer.

VOCÊ ESTÁ FAZENDO ESCOLHAS?

JÁ ESCOLHEU ALGUMA PROFISSÃO???

A escolha profissional é quase sempre um momento de estresse!

VESTIBULAR

SIMULADOS

PRESSÃO DOS PAIS

PRESSAO DO COLÈGIO

MUITO ESTUDO

AULAS EXTRAS...

Se você está passando por isso, vão aqui algumas coisas pra você pensar:

- Todo caminho tem volta: se a opção não for a melhor, você pode mudar;
- Reprovar no vestibular não quer dizer que você é incapaz;
- Os pais geralmente querem o melhor para o filho. Mas, é importante você pensar também no que deseja para si mesmo;

- Demonstrar tristeza ou fragilidade não quer dizer que você seja fraco;
- Ninguém consegue ser feliz todo dia, é normal ficar triste de vez em quando;
- Seus pais também têm problemas, por isso, tente compreendê-los;
- O que é para uns pode não ser para outros. Cuidado com as influências!

ACALME-SE... TODO MUNDO PASSA POR ISSO UMA VEZ NA
VIDA!

Dicas para você estudar melhor e ficar mais calmo:

- Procure conhecer mais sobre as profissões que acha legal;
- Estabeleça uma rotina de estudos e, o mais importante, cumpra-a;
- Procure dividir seu tempo entre estudos e diversão;
- Avise os amigos que você está em fase de profundo estudo e peça a compreensão e apoio deles;
- Converse com seus pais sobre o que você está sentindo (se sentir que só com os pais não dá, existe o psicólogo – que, como já se sabe há muito tempo, não serve apenas para cuidar de louco);
- Peça ajuda aos professores de quem você gosta e, principalmente, confia;

ORIENTAÇÕES PARA PAIS SOBRE ADOLESCÊNCIA E O DILEMA VOCACIONAL

Inaugurar novas idades e entrar em novas etapas da vida são processos nos quais se vivencia, de maneira conjunta, ganhos e perdas. Cabe a cada ser humano atribuir a devida felicidade ou tristeza que condiz sua trajetória.

A escolha vocacional é um dos momentos em que o crescer do filho faz com que os pais revivam, avaliem e possam confirmar ou não seu próprio caminho.

Os pais, diante disso, detêm em suas mãos a possibilidade de fazer desse momento uma parceria sincrônica com o filho ou, então, tornar-se mais um elemento de caos frente ao seu processo de crescimento.

O crescer do seu filho

Afinal, o que é adolescência?

- Adolescência é uma etapa de transição entre a infância e a vida adulta.



NELA, OCORREM MUITAS MUDANÇAS...

- ✓ Aquisição de um novo esquema corporal
- ✓ Aquisição de uma nova identidade



AQUISIÇÃO = Processo que envolve ganhos e perdas

PERDE-SE	GANHA-SE
O corpo infantil	As primeiras formas do corpo adulto
A fantasia de que se pode tudo	Contato com as limitações do mundo real
Os pais super-heróis	Pais reais e limitados
A despreocupação da infância	Obrigações do mundo adulto
A turminha da infância	Um papel importante dentro de um grupo
A tranquilidade	Angústias e ansiedades



Esse processo de perdas e ganhos não acontece de uma hora para outra: até se estabelecer por completo, podem (e devem) surgir dúvidas, ansiedades e revoltas.

Portanto, se seu filho:

- ✓ Anda agressivo ou irritado;
- ✓ Ficou tímido;
- ✓ Anda desengonçado;
- ✓ Começou a usar roupas que você acha horrorosas;
- ✓ Faz questão de fazer sempre o contrário do que lhe é pedido;
- ✓ Sonha em ir embora de casa;
- ✓ Não beija ou abraça você mais em público;
- ✓ Acha que você não sabe nada;
- ✓ Deixa claro que prefere os amigos a você;
- ✓ Fica sem graça em falar sobre sexualidade;
- ✓ Esconde a agenda dele de você;
- ✓ Chora sem motivo;
- ✓ Acha seu modo de se vestir um “mico”;
- ✓ Chama você de “coroa” ou velho;
- ✓ Sente-se confuso quanto ao futuro;
- ✓ E, às vezes, diz ter vontade de sumir.

Não se desespere... Fique apenas atento! Isso se chama “CRISE NORMAL DA ADOLESCÊNCIA”.

Como o nome já diz, é um processo normal pelo qual todo adolescente passa, principalmente quando estão enfrentando os dramas referentes à escolha da profissão



SER QUANDO CRESCER...
CRESCER, COMO SER?



É importante que você, pai e/ou mãe, conscientize-se de toda a turbulência que acontece na adolescência e o quanto fazer escolhas importantes é algo angustiante!



Como pai e/ou mãe, é preciso pensar sobre algumas questões, como:

- Escolher gera angústia, pois optar por um caminho sempre implica o abandono de outro;

- A profissão de seu filho não pode servir como meio de resolver suas próprias frustrações;
- O seu filho é um ser humano único, com vontades próprias, e estas devem ser respeitadas;
- A profissão que seu filho tenha escolhido quando era criança pode não ser a mesma depois que cresceu;
- A saída de casa significa, ao mesmo tempo, uma grande aventura e também a perda no coração dos pais;
- A vida nunca é um caminho sem volta, portanto, a profissão também não deve ser.
- Nem todos estão prontos para escolher qual profissão seguir ao término do 2.º grau. Por isso, é necessário respeitar o tempo interno de cada pessoa.
- Olhe para seu filho e tente vê-lo do tamanho que ele realmente é, não do tamanho que você gostaria que ele fosse.
- Não tente controlar a vida de seu filho dando ou tirando dinheiro dele. O diálogo é sempre o melhor caminho.
- O mundo já não é mais o mesmo de 20 anos atrás, portanto, sua história é bem diferente da do seu filho.



E, se depois de ler tudo isso, você sente que:

- Errou como pai e/ou mãe;
- Não é mais amado pelo filho;
- Seu filho está despreparado para o mundo e, por isso, fica assustado;
- Sua vida anda sem razão...

FIQUE CALMO!!!!

Todos os pais passam por esta crise, é normal.

Mesmo porque, é natural que você se sinta mal ao perceber que o seu filhinho, de repente, se transformou em um estranho – às vezes, até insuportável.

Em primeiro lugar, pense que todos nós sentimos raiva, medo ou desespero, mas que você, como todo adulto, talvez seja mais capaz de lidar com suas emoções do que o adolescente. Portanto, se alguém tem que ceder, parece que isto terá que partir de você.

Desse modo:

- Converse com outros pais, fale sobre seus medos, suas angústias e experiências que deram certo;
- Desça do seu pedestal de sabedoria e superioridade para poder conversar com seu filho;
- Aceite e entenda o sofrimento dele;
- Faça do diálogo um aliado;
- Ouça e compreenda as experiências dele;
- Aceite que vocês são pessoas diferentes;
- Dê conselhos, mas não seja autoritário;
- Aceite a dúvida como um sinal de maturidade;
- Faça-o sentir que não está sozinho nas dificuldades.

Enfim...

Exercite de forma empática o que você
mais sabe fazer como pai/mãe: AMAR!!!!

Você é um Envelhescente?

Se você tem entre 45 e 65 anos, preste bastante atenção no que se segue. Se você for mais novo, preste também, porque um dia vai chegar lá. E, se já passou, confira.

Sempre me disseram que a vida do homem se dividia em quatro partes: infância, adolescência, maturidade e velhice. Quase correto. Esqueceram de nos dizer que entre a maturidade e a velhice (entre os 45 e os 65), existe a ENVELHESCÊNCIA.

A envelhescência nada mais é que uma preparação para entrar na velhice, assim com a adolescência é uma preparação para a maturidade. Engana-se quem acha que o homem maduro fica velho de repente, assim da noite para o dia. Não. Antes, a envelhescência. E, se você está em plena envelhescência, já notou como ela é parecida com a adolescência? Coloque os óculos e veja como este nosso estágio é maravilhoso:

- Já notou que andam nascendo algumas espinhas em você? Notadamente na bunda?
- Assim como os adolescentes, os envelhescentes também gostam de meninas de vinte anos.
- Os adolescentes mudam a voz. Nós, envelhescentes, também. Mudamos o nosso ritmo de falar, o nosso timbre. Os adolescentes querem falar mais rápido; os envelhescentes querem falar mais lentamente.
- Os adolescentes vivem a sonhar com o futuro; os envelhescentes vivem a falar do passado. Bons tempos...
- Os adolescentes não têm idéia do que vai acontecer com eles daqui a 20 anos. Os envelhescentes até evitam pensar nisso.
- Ninguém entende os adolescentes. Ninguém entende os

envelhescentes... Ambos são irritadiços, se enervam com pouco. Acham que já sabem de tudo e não querem palpites nas suas vidas.

- Às vezes, um adolescente tem um filho: é uma coisa precoce. Às vezes, um envelhescente tem um filho: é uma coisa pós-coce.

- Os adolescentes não entendem os adultos e acham que ninguém os entende. Nós, envelhescentes, também não entendemos eles. "Ninguém me entende" é uma frase típica de envelhescente.

- Quase todos os adolescentes acabam sentados na poltrona do dentista e no divã do analista. Os envelhescentes, também a contragosto, idem.

- O adolescente adora usar uns tênis e uns cabelos. O envelhescente também. Sem falar nos brincos.

- Ambos adoram deitar e acordar tarde.

- O adolescente ama assistir a um show de um artista envelhescente (Caetano, Chico, Mick Jagger). O envelhescente ama assistir a um show de um artista adolescente (Rita Lee).

- O adolescente faz de tudo para aprender a fumar. O envelhescente pagaria qualquer preço para deixar o vício.

- Ambos bebem escondido.

- Os adolescentes fumam maconha escondido dos pais. Os envelhescentes fumam maconha escondido dos filhos.

- O adolescente esnoba que dá três por dia. O envelhescente quando dá uma a cada três dia, está mentindo.

- A adolescência vai dos 10 aos 20 anos: a envelhescência vai dos 45 aos 60. Depois sim, virá a velhice, que nada mais é que a maturidade do envelhescente.

- Daqui a alguns anos, quando insistirmos em não sair da envelhescência para entrar na velhice, vão dizer:

- É um eterno envelhescente!

Que bom.

Mario Prata

O Estado de São Paulo 1993.